

Coleção Aventuras Grandiosas

Alexandre Dumas

O HOMEM DA MÁSCARA DE FERRO

Adaptação de Ana Carolina Vieira Rodriguez

2ª Edição

 **EDITORA
RIDEEL**

PRÓLOGO

A história a seguir refere-se a um mistério na história da França. Trata-se de um estranho prisioneiro da Ilha de Santa Margarida, que morreu aos sessenta anos, em 1703. Ninguém sabia quem ele era e ainda hoje há muitas **ESPECULAÇÕES** sobre sua identidade. A **VERACIDADE** dos fatos que serão apresentados a seguir confirmam-se pelas Memórias do Duque de Richelieu, publicadas em 1790.

Este livro se passa trinta anos após a história de Os Três Mosqueteiros e o leitor pode esperar grandes atuações dos conhecidos amigos Athos, Porthos, Aramis e D'Artagnan.

Capítulo 1

O MALDITO

Athos e seu filho Raul estavam diante da prisão da Ilha de Santa Margarida. O local era tranquilo e não necessitava de muitos homens no controle dos presos. Havia apenas oito soldados ao todo. Os dois **FIDALGOS** observavam o grande **FOSSO** ao redor da construção de pedra, quando escutaram um grito de chamado quase no topo. Olharam para o alto e, mesmo ofuscados pelo sol, viram uma mão atirando um disco metálico pelo ar. O objeto foi parar perto deles. Athos o apanhou e viu que havia alguma coisa escrita com a ponta de uma faca. Leu em voz alta:

Sou irmão do Rei da França. Estou preso aqui, quase enlouquecido de desespero.

Na mesma hora, D'Artagnan chegou na companhia dos oito soldados, cruzou o fosso pela ponte e tomou o objeto das mãos de Athos.

— Vocês leram o que estava escrito aqui? — perguntou, aflito.

— Sim — respondeu Athos.

— Ah, meu Deus! Não deviam ter lido. Se o governador souber, vai querer prendê-los. Aí vem ele. Fiquem em silêncio, não digam uma palavra. Tive uma ideia.

— O que está acontecendo? — perguntou o governador.

— Senhor, estes são dois capitães espanhóis, antigos conhecidos meus. Não sabem falar francês, mas gostariam de visitar a fortaleza — falou D'Artagnan.

- 🔍 **ESPECULAÇÃO:** indagação, reflexão, cogitação
- 🔍 **VERACIDADE:** verdade
- 🔍 **FIDALGO:** nobre
- 🔍 **FOSSO:** fossa em volta de fortalezas ou castelos que servem como defesa



— E o que é isso em suas mãos? — insistiu o governador.

— É um segredo de Estado que recebi. Nem o senhor deve ler, ou correrá o risco de ser **FUZILADO**.

— E quanto a estes senhores? Vi de longe quando um deles pegou o disco nas mãos.

— São espanhóis, senhor, como lhe disse. Mal sabem ler em sua própria língua.

Mais tarde, já durante a visita ao prédio da prisão autorizada pelo governador, D'Artagnan explicou baixinho para os amigos:

— Eu trouxe para cá um prisioneiro que o rei não quer que seja identificado.

— Quem é ele? — perguntou Raul.

— Vejamos, é o Homem da Máscara de Ferro — respondeu D'Artagnan, apontando para um vulto alto e forte, usando algo semelhante a um capacete negro de ferro sobre o rosto.

O tal sujeito escutou a voz de D'Artagnan e disse, caminhando para dentro das trevas da prisão:

— Meu nome é Maldito, cavalheiro.

Mas vamos investigar o que estava acontecendo na sociedade e política francesa da época. Após a morte do Cardeal Mazarino, Luís XIV tornou-se o rei da França. Na verdade, ele já carregava esse título depois que seu pai, Luís XIII, morrera, mas enquanto o cardeal era vivo, ele não passava de um boneco nas mãos dele. Assim que se viu livre para governar, Luís XIV escolheu algumas pessoas para ajudá-lo. D'Artagnan foi nomeado Capitão dos Mosqueteiros. Colbert era responsável pelas finanças do reino. Havia também o superintendente Fouquet, que não se dava bem com Colbert. Fouquet era um homem muito rico e **PERDULÁRIO**, que espelhava a situação da França, um reino luxuoso, cheio de **INTRIGAS** e **OSTENTAÇÕES**.

O país havia solidificado a forte aliança política com a Inglaterra após o casamento do irmão mais novo do rei, intitulado Duque de Orléans, com a Princesa Henriqueta, irmã do **SOBERANO** inglês Carlos II. A chegada da princesa à Corte trouxe festa e beleza ao país.

D'Artagnan estava feliz com seu posto. Esperara por isso durante muitos anos e sentia-se recompensado pela lealdade que vinha dedicando à França há tanto

- 🔥 **FUZILADO**: morto com arma de fogo
- 🔥 **PERDULÁRIO**: pessoa que gasta dinheiro em excesso
- 🔥 **INTRIGA**: cilada, trama, traição
- 🔥 **OSTENTAÇÃO**: pompa, luxo exagerado
- 🔥 **SOBERANO**: monarca, rei, aquele que tem a maior autoridade



tempo. Quanto aos Três Mosqueteiros, cada um seguiu caminhos diferentes. Athos voltou a ser Conde de La Fère. Mudou-se para seu castelo em Blois e passou a cuidar de seu filho Raul, o Visconde de Bragelonne. Gostava de estudar e seu lema era: Pelo Rei, que simboliza a Pátria! Porthos casou-se com sua procuradora, mas ficou viúvo pouco tempo mais tarde. Herdou muito dinheiro da esposa. Vivia no castelo de Vallon-du-Pierrefonds e carregava o título de Barão. Aramis tornara-se padre. Ambicioso que era e amigo do superintendente Fouquet, o aplicado sr. d'Herblay logo foi nomeado Bispo de Vannes, na Bretanha. Vivia no castelo de Vaux, no entanto.

D'Artagnan e os Três Mosqueteiros mantinham a mesma amizade de sempre. Contudo, D'Artagnan pressentia que alguma coisa estava errada com Aramis. Certa vez, ele encontrara o amigo jantando com o conhecido e vulgar Baisemeaux, governador da prisão da Bastilha. Os dois pareciam íntimos e animados durante a refeição. Ao ver D'Artagnan, Aramis o cumprimentou com a alegria de sempre, mas franziu a testa **INVOLUNTARIAMENTE**, como se estivesse incomodado. “Ele deve estar tramando alguma coisa”, pensou o Capitão dos Mosqueteiros.

De fato, Aramis teve outra atitude estranha durante uma grande festa em Fontainebleau em homenagem ao Duque e à Duquesa de Orléans. O rei entregara a Colbert o dinheiro necessário para tudo e ele estava orgulhoso de si mesmo por ter conseguido realizar comemoração tão linda. No jardim de Fontainebleau, o financista encontrou Fouquet conversando com Aramis.

— Então, senhor Fouquet, está apreciando a festa? — perguntou.

— Muito — disse o superintendente.



— Sei que está sendo irônico. Fontainebleau não chega aos pés de sua propriedade em Vaux. Por que não dá uma festa para o rei lá? Ele iria se sentir honrado.

— Boa ideia — disse Aramis.

Fouquet torceu o nariz e disse que ia pensar. Colbert se afastou de mau humor. Ele odiava Fouquet e desejava **EXTORQUIR-LHE** o máximo de dinheiro que pudesse para vê-lo na miséria. A sós com Aramis, o superintendente reclamou:

— Por que disse que a festa era uma boa ideia, sr. d'Herblay? O senhor sabe que não posso mais gastar dinheiro. Estou quebrado depois de tantas festas ao Duque e à Duquesa. É do meu bolso que saem as verbas para essas celebrações.

— Não pense em gastos. Organize a maior e mais pomposa festa que conseguir. Eu pago. Confio no seu bom gosto. Quero, inclusive, que o castelo de Vaux seja totalmente reformado para receber o rei.

 **INVOLUNTARIAMENTE:** sem querer; contra a própria vontade
 **EXTORQUIR-LHE:** arrancar-lhe, tirar-lhe



Fouquet achou estranho. Onde Aramis teria arranjado tanto dinheiro? Achou melhor ficar quieto e concordar. O que ele não sabia é que algo surpreendente ocorrera com o antigo mosqueteiro pouco tempo antes daquela conversa.

Capítulo 2

O NOVO GERAL DA ORDEM

A hospedaria do Pavão Formoso era muito conhecida em Fontainebleau. Os nobres que foram à festa tentaram se hospedar lá, mas encontraram todos os quartos do local alugados. Cerca de oito dias antes da festa, uma comitiva de hóspedes estranhos e discretos foram chegando aos poucos e ocupando a hospedaria. Primeiro foi o Barão de Wostpur, da Alemanha, depois um cardeal espanhol, Monsenhor Herrebia; um comerciante de Bremen, um senador veneziano, um escocês, um austríaco e uma dama flamenga. Por último chegou um franciscano muito doente, que foi acomodado num pequeno aposento do andar de baixo. Acompanhando sua **PADIOLA** e os carregadores estava Aramis, com a cabeça coberta por um capuz.

Deitado sobre uma cama, o franciscano pediu que todos saíssem e ficou a sós com o dono da hospedaria. Cumprimentou-o fazendo o sinal-da-cruz. Recebeu em troca o mesmo gesto sobre seu ombro esquerdo. Era o sinal feito entre os irmãos da Companhia de Jesus, instituição de muito poder na época.

— Estávamos esperando o senhor, padre, mas pensávamos que sua saúde estivesse melhor — disse o dono da Pavão Formoso.

— Preciso de um médico urgente — pediu o velho franciscano.

Assim que o doutor chegou, ele ordenou:

— Examine logo e diga com toda franqueza qual é o meu estado.

O médico não precisou de muito tempo para perceber que o doente estava mal.

— O senhor tem uma febre cerebral muito séria — disse.

— Não quero rodeios — disse o enfermo, mostrando o anel que tinha nos dedos.

— Ah, meu Deus! O senhor é o Geral da Ordem da Companhia de Jesus! — exclamou o médico, curvando-se diante da criatura mais poderosa da Igreja.

— Quanto tempo de vida ainda tenho? — insistiu o padre.

— Duas horas, senhor.



PADIOLA: cama de lona para transportar doentes ou feridos



Diante dessa notícia, o Geral da Ordem mandou chamar um **CONFESSOR** e depois ordenou que o Barão de Wostpur entrasse no quarto.

— Senhor, todos nesta hospedaria receberam a comunicação. Viemos para o concurso. Queremos ser eleitos Geral da Ordem — disse o barão.

— Sabem que para isso precisam me revelar um segredo de Estado, algo que faça alguma das poderosas cortes européias curvar-se à Ordem.

— Sei um segredo, senhor.

— Então diga logo, não tenho muito tempo.

— Tenho um exército inteiro ao meu dispor. Com ele posso derrubar qualquer rei que não seja a favor da Ordem e substituí-lo por alguém que esteja do nosso lado.

— É isso? Então saia de Fontainebleau imediatamente e aguarde a resposta.

Um por um, os hóspedes da Pavão Formoso foram entrando no quarto do padre e revelando segredos de Estado, mas o doente não parecia satisfeito com a qualidade das informações. Estava a ponto de se desesperar, pois o tempo de sua vida se esgotava, quando Aramis pediu para lhe falar.

— Tenho um segredo de extrema importância para a Ordem — disse ele.

— Diga, pelo amor de Deus. Não tenho tempo!

— Leia este papel. Está grafado em caracteres que somente o senhor e eu, além de seu secretário João Juain, se estivesse vivo, podemos compreender.

Ao ler o documento, o padre deu um grito:

— Achei! Finalmente encontrei meu **SUCCESSOR!** Como soube desse segredo?

— Através da Senhora de Chevreuse, confidente da rainha Ana D'Áustria.

— Onde está ela?

— Já morreu.

— Há mais alguém que saiba essa informação?

— Não, senhor. Guardo esse segredo há quinze anos sozinho.

Foi a resposta que bastou para que o médico e o confessor fossem chamados como testemunhas.

— Senhores, que fique claro que estou transferindo todo o meu poder para o sr. d'Herblay, o novo Geral da Ordem — disse o padre, entregando seu anel a Aramis.

Depois, antes de cair morto, teve uma conversa a portas fechadas com o Bispo de Vannes. Aramis deixou o quarto do padre morto tremendo de emoção. Tinha alcançado o que mais desejava durante a vida: o poder!

Alguns dias antes da nomeação de Aramis como Geral da Ordem, ele teve aquele encontro para o almoço com Baisemeaux, governador da Bastilha. Incom-

- 👁️ **CONFESSOR:** padre que escuta a confissão de pecados dos penitentes
- 👁️ **SUCCESSOR:** pessoa que substitui outra em algum cargo ou função



dou-o encontrar-se com D'Artagnan na ocasião, pois não queria ser reconhecido por ninguém. Entrara na Bastilha disfarçado para entregar a Baisemeaux uma grande quantia em dinheiro conseguida com Fouquet. Era um plano só seu.

Capítulo 3

MISTÉRIOS DE ARAMIS

— Aqui está o dinheiro prometido — disse Aramis.

— Agradeço e o convido para almoçar comigo — respondeu o sr. Baisemeaux, sem conseguir disfarçar a alegria.

Durante a refeição, Aramis perguntou:

— Como são tratados os presos da Bastilha?

— Depende de quanto o Estado me paga por eles. Alguns comem da minha própria comida e tomam vinho e champanha, se quer saber.

— Não acredito! Sempre pensei que uma prisão era cheia de ratos, baratas, aranhas, um lugar úmido e fedorento.

— Pois faço questão de lhe mostrar que a Bastilha possui celas arejadas e limpas.

Após o almoço, ambos foram caminhar por entre as celas. Um rapaz chamou a atenção do Bispo de Vannes.

— Quem é este? — perguntou Aramis.

— É Seldon, condenado por escrever versos em latim contra os jesuítas.

— Peço que me solte, sr. Baisemeaux — implorou o rapaz quando viu o governador.

— Meu pai está morto e minha mãe precisa de mim para sobreviver.

Aramis, que há tempos deixara a ambição tomar conta de seu caráter, sentiu-se estranhamente comovido e prometeu ao rapaz que ia interceder para que ele fosse solto. Mais adiante, Aramis parou, **PETRIFICADO**, diante de uma cela, a de número 1.

— Por que este homem está preso? — indagou Aramis.

— Simplesmente pela semelhança que existe entre ele e a pessoa que, já notei, o senhor mesmo percebeu — respondeu o governador.

— Não é possível que seja só este o motivo.

— Mas é. Recebo uma fortuna por ele. O próprio Cardeal Mazarino, quando era vivo, escreveu-me uma carta recomendando máximo cuidado com este prisioneiro, a quem ele chamou pelo nome italiano Marchiali.



PETRIFICADO: imóvel, paralisado de susto ou medo



— O senhor se importa se eu conversar com ele?

— Não, fique à vontade.

Aramis se aproximou da cela e perguntou ao preso:

— Sabe por que está aqui?

— Não, senhor — disse o rapaz de olhos azuis e rosto delicado.

— E não se sente revoltado por estar preso sem conhecer o razão?

— No início me revoltei, mas depois resolvi acreditar nos **DESÍGNIOS** de Deus.

— Quantos anos tem?

— Não sei.

— Como se chama?

— Não me lembro.

— Quem são os seus pais?

— Nunca os conheci. Fui criado por uma família que morreu um dia antes de eu vir para cá.

— Já recebeu alguma visita?

— Uma mulher veio algumas vezes. Vestia um véu, que só tirava quando estávamos a sós. Beijava-me e abraçava-me muito, mas nunca me disse quem era.

— Você a reconheceria se a visse de novo?

— Certamente, senhor. Não poderia me esquecer daquele rosto.

Aramis deu-se por satisfeito. Conseguira a informação que desejava. Despediu-se do governador elogiando o almoço, dizendo que trataria da libertação de Seldon e recomendando cuidado com o prisioneiro da cela número 1.

Alguns dias depois da festa em Fontainebleau, Aramis foi jantar na Bastilha com o sr. Baisemeaux. Diante da maravilhosa refeição, o antigo mosqueteiro começou:

— Ouvi dizer que o senhor faz parte de uma sociedade secreta, sr. Baisemeaux.

— De... de onde o senhor tirou essa ideia, sr. d'Herblay? — perguntou o governador da Bastilha derramando vinho na toalha de tanto tremer a mão.

— Acalme-se, caro sr. Baisemeaux. A sociedade da qual o senhor e outros capitães e governadores de fortalezas fazem parte lhes concede muitas coisas, mas também faz algumas exigências, não é mesmo?

— Não sei do que o senhor está falando.

— Então é melhor que eu me retire. Vou dizer que me enganaram ou talvez eles tenham se enganado — falou Aramis, levantando-se.

O sr. Baisemeaux se assustou e disse:



DESÍGNIO: intenção, projeto, plano



— Fique, sr. d’Herblay. O senhor...

— Sou um confessor da Ordem. Mas se o senhor está se negando a seguir os nossos estatutos...

— Não é isso, eu apenas não havia sido avisado da sua vinda. Em que posso ajudar?

— A Ordem determina que se algum preso estiver doente, tem direito a pedir um confessor.

— Não tenho prisioneiros doentes no momento.

Nessa hora, um empregado entrou na sala de jantar trazendo o relatório do médico.

O governador leu e disse:

— Ah, meu Deus! Aqui diz que o prisioneiro da cela número 1 está doente.

— E ele solicita um confessor — disse o empregado.

— E então, o que devo fazer? — perguntou o governador a Aramis.

— Leve-me até ele — disse o Bispo de Vannes secamente.

Lá chegando, Aramis ordenou que queria ficar sozinho com o preso. O sr. Baisemeaux acatou o pedido, pois agora tratava Aramis com a deferência e o respeito que se devia ter com um confessor da Ordem. O prisioneiro estava deitado e, ao ver Aramis, perguntou:

— O que faz aqui?

— Sou o confessor que pediu.

— Não pedi para me confessar.

— Não quer nem escutar uma importante revelação? — perguntou Aramis, que havia **FORJADO** o relatório médico.

— Se é isso que veio fazer aqui, pode falar, estou ouvindo.

— Não se lembra de já ter me visto? — perguntou Aramis.

— Outro dia o senhor esteve aqui com o governador.

— Eu digo antes, na aldeia onde passou sua infância.

— Qual o nome da aldeia?

— Noisy-le-Sec.

— Sim, eu me lembro — disse o prisioneiro, abaixando a cabeça.

— Sabe quem eu sou?

— Sim, eu sei quem o senhor é. Reconheci-o no dia em que esteve aqui. É o **ABADE** d’Herblay, antigo mosqueteiro do rei.

— Fui mosqueteiro, abade e agora sou Bispo de Vannes. Mas há uma coisa que deve saber.



FORJADO: falsificado



ABADE: superior religioso, pároco



— O quê?

— Se o rei souber que estive aqui, mandará me prender e viverei em eterno esquecimento de todos.

Capítulo 4

O GRANDE SEGREDO

O prisioneiro resolveu contar suas únicas lembranças ao confessor, coisas de que ele se esforçava para não se esquecer.

— Sempre fui prisioneiro. Vivia **ENCARCERADO** em minha própria casa na aldeia em que vivia quando era pequeno. Minha ama Perronnette e meu **PRECEPTOR** eram as únicas pessoas que conhecia, além de uma dama que ia me visitar todos os meses, a mesma que costumava vir aqui na prisão. Também vi o senhor e uma mulher de roupa preta e laço vermelho algumas vezes.

— E seus pais? Nunca os conheceu? — perguntou Aramis.

— Perronnette e meu professor diziam que os dois estavam mortos. Será verdade?

— Seu pai está morto, mas sua mãe...

— Ela vive?

— Sim, mas você não deveria saber disso.

— E por que estou preso?

— Porque sua existência revela um grande segredo.

— E minha ama, meu preceptor?

— Foram envenenados, pois poderiam revelar esse segredo algum dia.

O rapaz fez um esforço e lembrou-se de outras coisas importantes. Costumavam chamá-lo de Filipe na época. Certo dia, uma carta causou grande alvoroço entre seus **TUTORES**. Seu professor disse à ama que era mais uma carta da rainha, mas que aquela era diferente, era uma carta contendo instruções.

— O que houve com a carta?

— Ela caiu no poço levada por um vento forte que soprou na sala. Meus tutores se desesperaram. Perronnette sugeriu que eles escrevessem à rainha contando o ocorrido, mas meu professor foi contra.

— Por quê?

— Disse que a rainha e o cardeal poderiam desconfiar que eles quisessem usar a carta contra eles e, sem mais investigações, mandar matá-los.

 **ENCARCERADO:** preso, mantido em cárcere

 **PRECEPTOR:** professor, instrutor

 **TUTOR:** protetor autorizado por lei



— O que seus tutores fizeram?

— Saíram em busca de algum menino que ainda não pudesse ler. Ele desceria no poço e pegaria o papel. Talvez ainda pudessem compreender as instruções e segui-las à risca. Ficariam livres da rainha e do cardeal.

— Pelo jeito, não conseguiram fazer isso.

— Eu estava muito curioso e, assim que os dois saíram, consegui descer ao poço e pegar a carta. Eu tinha muita agilidade.

— O que dizia?

— Não eram bem instruções, apenas dizia que a rainha Ana D'Áustria e o cardeal Mazarino interessavam-se muito por mim, e que me deixavam aos cuidados de Perronnette e meu preceptor. Dias depois, revelei que sabia da carta durante um delírio de febre que tive. Minha ama encontrou-a sob meu travesseiro e não teve outro jeito a não ser contar tudo à rainha.

— O que houve depois?

— Meus tutores desapareceram. Eu fui trazido para a Bastilha.

— Pois agora vou lhe contar o maior segredo de Estado que já houve na história da França. Seu professor nunca deve tê-lo ensinado história.

— Muito pouco.

— Pois bem, antes do nosso atual rei, a França era governada por Luís XIII, filho de Henrique IV. Era um bom homem, casado com Ana D'Áustria. A rainha só lhe deu um filho após vinte anos de casamento, o que deixou o rei contentíssimo. A criança nasceu no dia 5 de setembro de 1638. No próprio dia, realizou-se o batizado e uma festa em comemoração ao Delfim, futuro rei da França.

O prisioneiro ouvia atentamente.

— Acontece que algum tempo depois do nascimento, o rei foi chamado nos aposentos da rainha. Lá ele foi apresentado a um segundo menino gêmeo que havia nascido. A onda de felicidade que invadiu o monarca deu lugar a uma nuvem de tristeza no momento seguinte. O trono francês tinha dois herdeiros, o que geraria conflitos e uma possível guerra civil no futuro.

— O que foi que ele fez? — perguntou o rapaz, aflito.

— Orientado pelo Cardeal Richelieu, seu ministro, resolveu manter o nascimento da segunda criança em segredo. A ama da rainha, Perronnette, criaria o menino longe da Corte com a ajuda de um professor qualificado e de confiança. Mais tarde, com a morte de Richelieu, o segredo foi confiado ao Cardeal Mazarino, que passou a dar ordens a seus tutores.

O rapaz ficou pensativo e exclamou:

— Deus do céu! Fui abandonado por todos! Até por minha própria mãe... Ela vem aqui a fim de me visitar, mas deu o trono a meu irmão.



— Eu não o abandonei, nem a mulher de fita vermelha e roupa preta. Ela era a sra. de Chevreuse, confidente da rainha. Contou-me essas informações antes de morrer.

Confuso, o prisioneiro inquiriu:

— Mas por que o senhor veio até aqui, afinal? Por que resolveu me revelar esse segredo tão terrível?

Antes de responder, Aramis entregou ao rapaz um retrato de Luís XIV, atual rei da França, e um espelho, para que ele pudesse comparar os dois rostos. O preso abafou um grito de susto:

— Por Deus! O rei nunca me perdoará por existir!

— Gostaria de saber quem é o verdadeiro rei — afirmou Aramis.

— É ele, o homem do retrato. O rei é quem está no poder, quem manda prender. Eu não passo de uma sombra.

— Pois vim até aqui oferecer-lhe o trono real!

— O que está dizendo?

— Pretendo tirá-lo daqui e colocá-lo no lugar onde merece. Vejo nos seus olhos que tem o coração nobre e a liderança no sangue. Não é justo que esteja preso há oito anos.

— Como pretende me libertar? Estou cercado de guardas.

— Confie em mim. Se aceitar a posição que é sua desde que nasceu, estará também servindo aos interesses das pessoas que se dedicam à sua causa, como eu.

— E o que acontecerá com meu irmão, se eu conseguir chegar ao trono?

— Tomará seu lugar.

— Coitado! Este lugar é triste demais!

— Agora continue agindo como sempre. Não faça nada sem mim e espere.

Logo virei buscá-lo.

O prisioneiro agradeceu e se despediu de Aramis, que, antes de sair, entregou a Baisemeaux uma grande quantia em dinheiro.

— É um presente da Ordem — disse ele, antes de partir.

— Obrigado, sr. d'Herblay, pelo dinheiro e por escutar tão longa confissão de um prisioneiro — disse o governador da Bastilha, com os olhos brilhando de satisfação.

Capítulo 5

A CARTA

As festividades oferecidas pelo sr. Fouquet em Vaux começariam em dois dias. Haveria um baile, um concerto, uma caçada, passeios e jantares. Para participar das comemorações que durariam quase uma semana, o rei mandara o Mestre João Percerin, alfaiate real, fazer cinco trajes diferentes. O alfaiate estava



tão ocupado que não tinha tempo para mais nada, nem para atender clientes fiéis, como Porthos.

Porthos estava inconformado. Havia engordado um pouco e nenhuma roupa de festa lhe servia. Pediu a D'Artagnan, como Capitão dos Mosqueteiros, que **INTERCEDESSE** junto ao alfaiate e o convencesse a lhe fazer um traje. Os dois chegaram ao **ATELIÊ** do Mestre Percerin logo cedo.

— Bom dia, sr. D'Artagnan — disse o alfaiate sem tirar os olhos do trabalho.

— Como vê, estou ocupadíssimo.

— Entendo. Ainda assim peço que atenda o sr. Barão du Vallon de Bracieux de Pierrefonds (Porthos adorava quando o chamavam pelo título completo).

O mestre ficou nervoso, impaciente, mas acabou concordando com o pedido de D'Artagnan. Enquanto Porthos se livrava do casaco para começar a tirar as medidas, uma voz conhecida entrou no ateliê.

— Olá, Mestre Percerin — disse o homem.

— Aramis! — exclamaram D'Artagnan e Porthos juntos.

Os três amigos se abraçaram e logo D'Artagnan perguntou:

— O que faz aqui?

— Trouxe comigo o sr. Le Brun, pintor do superintendente. Vim pedir ao Mestre Percerin que me conceda uma cópia dos desenhos e uma amostra dos tecidos dos cinco trajes que o rei encomendou. O sr. Fouquet quer fazer uma surpresa ao rei e presenteá-lo com um retrato seu vestindo cada roupa de festa.

O alfaiate reclamou, pois estava sendo terrivelmente **IMPORTUNADO** em seus afazeres, mas concedeu os desenhos e as amostras a Aramis. O Bispo de Vannes se despediu dos amigos e saiu. D'Artagnan, porém, ficou muito desconfiado. Não acreditou na história dos retratos e temia ainda que Aramis estivesse envolvendo o inocente Porthos em alguma armação.

Por sua vez, Aramis também sentia-se aborrecido. Sabia que o amigo D'Artagnan era muito **ASTUTO** e poderia querer investigar suas atitudes. Saindo do ateliê, o Bispo de Vannes foi falar com o superintendente, que estava nervoso diante de tantos gastos para a festa em homenagem ao rei.

— Acalme-se, já disse que a festa fica por minha conta, mas só vou entregar-lhe o dinheiro quando o rei entrar em Vaux. Por enquanto, peço apenas que escreva uma carta solicitando que o Ministro da Justiça solte alguém da Bastilha — disse Aramis.

- 🔑 **INTERCEDESSE**: pedisse, interviesses, suplicasse
- 🔑 **ATELIÊ**: oficina de trabalho, estúdio
- 🔑 **IMPORTUNADO**: incomodado, atrapalhado, interrompido
- 🔑 **ASTUTO**: esperto



— Quem? — perguntou Fouquet.

— Um rapaz preso somente por ter escrito versos contra o jesuíta. O pobre tem uma mãe viúva para cuidar.

A carta foi escrita e, mais tarde, Aramis apareceu na Bastilha para jantar novamente com o sr. Baisemeaux. O governador agora tinha um certo medo de Aramis, sabendo que ele era um poderoso confessor da Ordem. Isso o fez recebê-lo de maneira ainda mais cerimoniosa e servir-lhe um dos vinhos mais caros que tinha em sua **ADEGA**. O antigo mosqueteiro fingia beber, mas Baisemeaux regalava-se diante das várias garrafas de vinho sobre a mesa. Em pouco tempo estava bêbado, tanto que não quis receber o criado que entrou na sala com uma carta do Ministro da Justiça nas mãos.

— Está escrito URGENTE no envelope, senhor — falou o rapaz.

— É tarde, deve ser alguma recomendação **ESDRÚXULA!** — exclamou o governador.

— Não é tão tarde assim, são apenas oito da noite. Além do mais, está escrito que é urgente. Penso que deve ler a carta — sugeriu Aramis.

— Está bem, dê-me a carta — disse, estendendo a mão ao criado.

O sr. Baisemeaux leu e disse:

— É uma ordem para libertar Seldon, aquele rapaz com a mãe viúva. Diz que tem que ser feita ainda hoje.

— Deve haver uma razão para isso, governador. Vamos interromper nosso jantar e dar a boa notícia ao prisioneiro — disse Aramis.

— Se quer assim. Por mim eu o soltaria amanhã cedo... — disse o sr. Baisemeaux, levantando-se da mesa com dificuldade por causa do álcool. — Vou mandar chamar o **CARCEREIRO**.

Enquanto o sr. Baisemeaux foi até a porta dar suas ordens, Aramis aproveitou para tirar a carta do Ministro do envelope e substituí-la por outra, preparada por ele.

Capítulo 6

UMA IMPORTANTE DECISÃO

— Podem mandar soltar Seldon, o rapaz preso na cela número 2 — disse o governador ao carcereiro, assim que ele entrou na sala de jantar.

- **ADEGA:** lugar da casa onde se guarda vinho, azeite e outras bebidas
- **ESDRÚXULA:** esquisita
- **CARCEREIRO:** guarda da prisão, do cárcere



— O senhor deve estar enganado. Aqui diz que o prisioneiro que deve ser solto é o da cela número 1 — falou o carcereiro, após ler a carta trocada.

— Marchiali? Não pode ser... Tenho certeza de que estava escrito Seldon.

— Deixe-me ler a carta — pediu Aramis. — De fato, aqui diz prisioneiro da cela 1, Marchiali.

— Não posso fazer isso, sr. d'Herblay — falou o sr. Baisemeaux.

— Vai se negar a cumprir uma ordem do Ministro da Justiça?

— Não é isso, é que... bem, como posso colocar um prisioneiro na rua em Paris, à noite? Ele não conhece ninguém... — tentou disfarçar o governador.

— Minha carruagem está aí na porta. Posso levá-lo para onde ele desejar — disse Aramis. — Além do mais, deixe-me carimbar esta carta, assim o senhor pode ficar mais tranquilo, pois duas autoridades estão garantindo a liberdade do rapaz.

Dito isso, o Bispo de Vannes colocou um selo na carta. O sr. Baisemeaux arregalou os olhos. Aramis não era somente um confessor, mas sim o Geral da Ordem. Os dois acabaram o jantar e, em poucos minutos, a carruagem do antigo mosqueteiro cruzava os portões da Bastilha tirando o prisioneiro da cela 1 da vida no cárcere. Era tarde, quase onze horas da noite, e havia um ar puro de liberdade no ar. Após cerca de meia hora, a carruagem parou em uma clareira na floresta. O prisioneiro havia adormecido e acordou assustado.

— O que houve? — perguntou, abrindo os olhos devagar.

— Antes de qualquer coisa, preciso lhe explicar a situação do reino. É importante que o senhor tome uma decisão, caro Príncipe — disse Aramis.

— Pode falar. Ainda acho estranho ser chamado de Príncipe.

— Seu irmão, o rei atual, não teve uma infância feliz. Ana D'Áustria e Luís XIII não lhe deram a atenção e o amor necessários, talvez por se sentirem culpados diante do que lhe fizeram. Por vezes, seu irmão foi ignorado e até humilhado. Isso deve ter gerado raiva, rancor e desejo de vingança, características típicas de um governo **TIRÂNICO**.

— Acha que o rei é um tirano?

— Ainda não, mas vai ser. Já o senhor, vejo em seus olhos agora mesmo que tem uma alma boa. Vai respeitar seus súditos.

— O que pretende, sr. d'Herblay?

— Quero que decida se aceita o trono. Darei um jeito de fazer com que troque de lugar com seu irmão. Ele irá para a Bastilha, onde só poderá falar com as paredes.

 **TIRÂNICO:** opressivo, injusto, cruel



Ninguém prestará atenção às suas reclamações e **SÚPLICAS**. Mais tarde, se quiser, poderá **EXILÁ-LO** ou até libertá-lo, conforme a voz de sua consciência falar.

— Por que está fazendo isso?

— Porque Deus me confiou o segredo de seu nascimento, o qual guardo comigo há anos. Acredito que Deus não faça nada por acaso e sinto que, juntos, poderemos fazer da França uma grande nação.

— Como poderei pagar-lhe por me libertar e ainda me colocar no trono?

— Deverá me nomear Cardeal, depois Ministro. Além disso, deve prometer que não será um rei acomodado. Equilibrará as finanças do país e depois nós dois dividiremos o mundo: o senhor terá os corpos e eu, as almas. Seremos o maior rei e o maior papa de que o mundo já ouviu falar — disse Aramis, tomado de uma espécie de embriaguez de ambição que sempre **PERMEOU** seus pensamentos, desde o tempo em que era mosqueteiro.

— E se eu me recusar a assumir o reino?

— Existe um pântano a alguns quilômetros daqui. São ilhas isoladas onde vivem poucas famílias de pescadores. As casas são flutuantes e a comida é composta de peixes, pássaros e frutas. Tenho comigo esta bolsa de dinheiro que é suficiente para comprar o pântano. Pode viver lá em liberdade por muitos anos.

— Deixe que eu ande um pouco ao ar livre e sinta o cheiro da natureza. Preciso conversar com Deus.

Enquanto o rapaz caminhava, Aramis mal conseguia respirar de ansiedade. Será que seu plano fracassaria e ele nunca atingiria o poder **SUPREMO** que tanto **ALMEJAVA**? Por sua vez, o prisioneiro enchia os pulmões de ar puro e olhava para o céu estrelado entre as copas das árvores em busca de uma resposta. Depois de alguns minutos, ele olhou para o chão, parou de orar e se dirigiu à carruagem. Olhou para o Bispo de Vannes e disse:

— Vamos governar a França!

— Tem certeza, Príncipe? — perguntou Aramis, com a voz exaltada.

— Sim. Com sua ajuda, serei um grande rei.

Antes de saírem da floresta, Aramis deu ao futuro rei uma espécie de aula sobre todas as pessoas com quem ele deveria conviver: a esposa de seu irmão mais novo, Henriqueta, cujo casamento foi apenas **DE FACHADA**, para estreitar laços com a Inglaterra, e outras pessoas da Corte, principalmente D'Artagnan.

- 👁️ **SÚPLICA:** pedido, prece
- 👁️ **EXILÁ-LO:** expulsá-lo da pátria
- 👁️ **PERMEOU:** atravessou, cruzou
- 👁️ **SUPREMO:** último, extremo, superior, referente a Deus
- 👁️ **ALMEJAVA:** desejava ardentemente
- 👁️ **DE FACHADA:** falso, só de aparência



— Ele é o mais **PERSPICAZ** de todos. Se não estranhar seu rosto, tudo ficará bem — recomendou Aramis.

O ex-mosqueteiro também disse ao Príncipe que lhe ensinaria a arte da espada, das línguas estrangeiras e outras coisas que o rei deveria saber. Tudo isso seria feito em segredo, depois que ele tomasse o poder.

Capítulo 7

CONSPIRAÇÕES

O castelo de Vaux fora todo reformado para a festa, marcada para um dia depois da libertação do prisioneiro. Aramis acomodou-se em um quarto acima do aposento do rei, o mais luxuoso da casa. Sobre a cama, havia uma grande cúpula representando Morfeu, coisa que tanto poderia trazer bons sonhos, como também pesadelos. O Príncipe Filipe foi escondido em um **CUBÍCULO** secreto atrás da cama de Aramis, que elogiou Fouquet pelos preparativos e mostrou-lhe o belo retrato do rei, pintado pelo sr. Le Brun, trajando uma das roupas feitas pelo Mestre João Percin.




— É estranho, sr. d'Herblay — disse Fouquet. — Não gosto do rei e ele não gosta de mim. Dizem que ele e Colbert aguardam apenas algum deslize meu para mandarem me prender. No entanto, sinto-me honrado e até feliz em receber o rei em minha casa.

— Pois aproveite esse sentimento. Veja, o rei está chegando — falou Aramis.

Um verdadeiro **SÉQUITO** adentrou o castelo acompanhando a família real, de modo que Fouquet precisou de vários criados para mostrar os aposentos de cada convidado. Vaux era um lugar maravilhoso, quase encantado. Os jardins, parques e lagos superavam muito o castelo do Louvre, onde o rei morava. Embora Luís XIV estivesse adorando o lugar, a inveja começou a lhe corroer e ele não conseguia sorrir. Durante o jantar, nem ele nem sua mãe Ana D'Áustria demonstraram satisfação, apesar de terem aproveitado ao máximo a mesa farta. A única que não parava de elogiar a festa, a comida e o castelo era Henriqueta, a Duquesa de Orléans, que esbanjava felicidade. Depois do jantar, todos saíram para um passeio, mas o rei quis ir logo para o quarto e mandou chamar Colbert para conversar.

Aramis perguntou a Porthos e D'Artagnan:

— O que estão achando da festa?

-  **PERSPICAZ**: bom observador, inteligente
-  **CUBÍCULO**: quarto muito pequeno
-  **SÉQUITO**: conjunto de pessoas que acompanha uma comitiva



— Ótima! — respondeu Porthos, que bebera além da conta. — Gosto muito de Fouquet. Ele sabe organizar uma festa!

Enquanto Porthos foi conversar com outros convidados, D'Artagnan disse:

— Sabe, Aramis, às vezes penso que Luís XIV não é o rei da França...

— Como assim? — espantou-se o Bispo de Vannes.

— O rei de verdade é...

— Por Deus, quem?

— Fouquet.

— Ah! — exclamou o Bispo, aliviado.

— Por que ele gasta tanto para agradar o rei? Isso só faz com que o rei e Colbert conspirarem ainda mais contra ele.

— Eu tentei argumentar que reformar o castelo era um exagero, mas ele não me deu ouvidos...

— Aramis, posso lhe fazer uma pergunta?

— É claro, D'Artagnan, somos amigos.

— Somos mesmo?

— Por que duvida? Você é um grande amigo meu, sempre foi.

— Então me diga por que pediu ao alfaiate os desenhos e amostras dos tecidos dos trajes do rei.

— Ora, como eu disse, para que o sr. Le Brun pintasse o retrato.

— Não sei se acredito nisso. Acho que você está tramando algo. Diga o que é. Talvez eu possa ajudar.

— Você está imaginando coisas.

— Temo, ainda por cima, que esteja envolvendo Porthos em suas falcatruas.

— Falcatruas? Assim você me ofende, D'Artagnan.

— Aramis, não tenho a intenção de ofendê-lo, mas você sabe que sou responsável pelo rei. Por acaso há alguma conspiração contra ele?

— Não estou envolvido e não tenho conhecimento de nenhuma conspiração contra o filho de Ana D'Áustria. Que eu seja amaldiçoado se fizer qualquer coisa contra o verdadeiro rei da França!

D'Artagnan abraçou o amigo, aliviado, e saiu para procurar Porthos. Aramis foi até seu quarto e libertou Filipe do cubículo apertado. Os dois puseram-se a escutar a conversa entre o rei e Colbert através da cúpula sobre a cama, que tinha uma abertura secreta para o andar de cima.

— O que significa esse luxo todo? — perguntou o rei. — A festa tem muito mais **REQUINTE** do que a que realizamos em Fontainebleau.



REQUINTE: luxo



— É claro que há mais luxo aqui, Majestade. Em Fontainebleau gastamos três milhões de francos. Em Vaux foram gastos treze milhões! — disse Colbert.

— Como sabe disso?

— Treze milhões é a quantia que foi retirada por Fouquet dos cofres públicos.

— Há como provar?

— É tudo uma questão de tempo. Já identifiquei que os recibos foram roubados pelo superintendente, como se o dinheiro tivesse sido pago a ele por seus serviços à Corte.

O rei decidiu refletir e pediu para ficar sozinho. Pouco tempo depois, pediu para chamarem D'Artagnan.

— Estou à vossa disposição, Majestade. O que houve?

— Quero que prenda Fouquet, D'Artagnan. Ele roubou dinheiro do reino para organizar esta festa.

— Tem certeza, Majestade? Estamos na casa dele, diante de tantos convidados. Seria melhor esperarmos as comemorações terminarem, então conversaríamos com ele e...

— Não há o que conversar!

— O senhor está muito nervoso e pode se arrepender amanhã. Seria um escândalo **TREMENDO** realizar a prisão do superintendente aqui no castelo de Vaux a uma hora dessas.

O rei resmungou, mas deixou-se convencer por D'Artagnan. Disse que queria dormir, estava muito cansado, mas ordenou que o Capitão dos Mosqueteiros vigiasse Fouquet a noite toda e não o deixasse sair do castelo. No dia seguinte, determinaria se a prisão seria feita ou se esperariam até voltarem a Paris.

Capítulo 8

O PLANO EM PRÁTICA

D'Artagnan foi falar com Fouquet, ainda inconformado com a atitude do rei. Vendo o Capitão dos Mosqueteiros em seus aposentos, o superintendente falou:

— Já sei o que houve. O rei não está satisfeito. Colbert o envenenou contra mim e agora ele quer minha prisão.

— Sinto muito, sr. Fouquet — disse D'Artagnan, mas terei de vigiá-lo a noite toda.

— Preciso ver o sr. d'Herblay.

— Fique aqui no quarto. Trancarei a porta e levarei a chave. Eu mesmo vou procurar o Bispo de Vannes e trazê-lo até o senhor.



TREMENDO: enorme, gigantesco



Quando D'Artagnan saiu, Fouquet queimou alguns papéis que o incriminavam, os tais recibos mencionados por Colbert. O mosqueteiro sentiu cheiro de fumaça ao entrar e percebeu o que havia acontecido, mas não mencionou o caso. Disse apenas:

— Não encontrei o sr. d'Herblay. Ele deve ter saído para caminhar. Vamos dormir os dois. Ficarei acomodado nesta poltrona aqui em seu quarto. Amanhã conversaremos com o Bispo de Vannes.

Fouquet estremeceu. Aramis era a única saída para ele escapar da prisão. Ele precisava dar-lhe o dinheiro da festa que havia prometido, assim o superintendente iria repor o dinheiro real. O antigo mosqueteiro, no entanto, estava colocando em prática seu grande plano.

Como já foi dito, Luís XIV estava dormindo, tão exausto que chegava a roncar. De repente, achou que estivesse tendo um terrível pesadelo. Dois homens encapuzados entraram em seus aposentos reais. Um deles era gordo e forte. Outro, bem alto, levava uma lanterna nas mãos e iluminava seu rosto de frente, ofuscando-lhe os olhos. Sem usarem violência, mas falando com a voz firme, o que carregava a lanterna disse:

— Acompanhe-nos, ou será pior para o senhor. É melhor que fique calado e não faça barulho.

Em poucos minutos, tiraram o rei do castelo de Vaux através de um longo corredor subterrâneo e o levaram para uma carruagem. O homem gordo assumiu a posição de cocheiro e cavalgou para fora da propriedade, atravessando uma floresta e chegando em Paris, mais precisamente na porta da Bastilha. O homem da lanterna desceu da boleia, onde se encontrava na companhia do rei, e pediu que chamassem Baisemeaux. Enquanto isso, Luís XIV perguntou ao cocheiro:

— O que pretendem fazer ao rei da França, por Deus?

— É muita **AUDÁCIA** dizer isso. Sorte sua que o rei é uma pessoa bondosa. Talvez o perdoe — respondeu ele.

Logo o governador apareceu e disse ao homem da lanterna, que mostrou o rosto brevemente:

— Sr. d'Herblay! O que faz aqui a essa hora?

— Fale baixo. Vim desfazer um terrível engano.

— Do que se trata?

— O senhor estava certo. Não era Marchiali que deveria ser solto, e sim Seldon. Veja, tenho aqui em minhas mãos a ordem para que Seldon seja solto.

— Não entendo.



AUDÁCIA: ousadia, atrevimento



— Onde está a ordem que vimos aquele dia?

— No cofre.

— Vamos até lá pegá-la.

O governador estava confuso, mas abriu o cofre e mostrou a ordem para a libertação de Marchiali a Aramis, que pegou-a nas mãos e a rasgou em vários pedaços.

— O que está fazendo, sr. d’Herblay? Estou **ARRUINADO** se o Ministro da Justiça souber.

— Não se preocupe, eu trouxe Marchiali de volta. Ele de fato não deveria ter sido solto. Desde que o levei em minha carruagem, não pára de dizer que é o rei da França. Chegou a vestir roupas parecidas com as do rei. Está certo que existe a semelhança, mas acho que ele deve estar louco. Coitado! Trago ordens para que o mantenha incomunicável.

Baisemeaux aceitou as determinações de Aramis. Nunca iria discutir com o Geral da Ordem. Libertou Seldon e prendeu o homem que lhe foi entregue. Aramis voltou à carruagem e disse:

— Vamos, Porthos. Voltemos rápido ao castelo de Vaux.

— Obrigado, Aramis, por me confiar missão tão importante — disse Porthos, sem a menor ideia da armação em que se envolvera. — Imagine só a coragem daquele homem em dizer que é o rei da França.

Na Bastilha, Luís XIV achava que estava sonhando e ainda não acreditava no que havia acontecido. Pensou que tivesse sido vítima de um **COMPLÔ** contra ele organizado por Fouquet. De manhã, destruiu uma cadeira contra a porta e gritou com todas as forças que queria ver o governador. Os outros presos, que estavam lá pelas ordens dele próprio, juntaram-se na gritaria e forçaram os carcereiros a verificar o que estava acontecendo. Um deles entrou na cela de Luís XIV levando-lhe o desjejum.

— Acordou enlouquecido hoje? Costuma ser tão calmo. O que houve? — disse o guarda.


— Quero ver o governador. Cometeram um grave crime contra o trono francês.


O carcereiro ignorou-o e, como Luís XIV não parou de gritar e bater, foi **ADVERTIDO**:

— É melhor aquietar-se. Os rebeldes ficam em **SOLITÁRIAS** nesta prisão.

 **ARRUINADO**: destruído

 **COMPLÔ**: conspiração

 **ADVERTIDO**: avisado, alertado

 **SOLITÁRIA**: pequena cela na qual o preso fica sozinho e isolado do resto da prisão



Mais tarde, quando o sr. Baisemeaux recebeu o relatório diário sobre os presos, comentou com o carcereiro-chefe:

— Quando um prisioneiro chega ao ponto de enlouquecer, é porque nada mais lhe resta, nem a vida. Seria até uma bondade eliminá-lo discretamente.

Capítulo 9

DESMASCARADO

Assim que Luís XIV foi retirado da cama no castelo de Vaux, a cúpula com a representação de Morfeu desceu do andar superior até possibilitar que o Príncipe Filipe descesse e tomasse o lugar do irmão. A arquitetura havia sido toda planejada. Deitado no leito real, o ex-prisioneiro sentia-se esquisito, como se estivesse cometendo uma traição.

Algum tempo depois, Aramis chegou e disse que o plano tinha sido um sucesso. Os dois ficaram conversando até de manhã, quando D'Artagnan bateu na porta. Aramis foi abri-la. Queria ganhar tempo e evitar que o Capitão dos Mosqueteiros visse o novo rei logo cedo. Era melhor que mais gente estivesse junto nessa hora para que o perceptivo D'Artagnan não notasse nada diferente.

— Aramis? Você aqui? — disse ele.

— O rei mandou me chamar logo cedo e pediu que eu lhe entregasse isso — disse o Bispo de Vannes, passando um pedaço de papel ao amigo.

— Uma ordem de libertação de Fouquet. Então o rei não deseja mais prendê-lo...

— Ele pede que diga ao sr. Fouquet que ele está grato diante de tão bela festa e quer que ele saiba que o rei é seu amigo.

— Que bom que o rei acordou de bom humor! Eu disse ao sr. Fouquet que não se preocupasse! Mas estou estranhando sua proximidade com o rei, Aramis. Não sabia que eram íntimos.

— Costumamos conversar longe da presença dos outros. Por isso você me vê pouco na Corte, meu amigo — disse Aramis.

— Vou logo dar a notícia ao superintendente e dizer-lhe que a festa pode continuar!

Pouco tempo depois, Aramis estava no quarto de Fouquet. O superintendente ficara confuso com o recado do rei.

— O que está havendo, sr. d'Herblay? Ontem o rei me odiava, hoje manda dizer que é meu amigo. Existe algum segredo que eu não conheça?

— Existe sim. Sente-se e me ouça. Vou contar-lhe um segredo que guardo comigo há anos e que agora pode mudar a história da França.



À medida que Aramis falava, Fouquet tornava-se mais **ESTUPEFATO**. Ele não tinha conhecimento de um irmão gêmeo do rei. Quando Aramis falou algo sobre a troca entre os irmãos, ele interrompeu:

— Não diga isso nem de brincadeira, sr. d’Herblay. Seria uma conspiração, mancharia a honra de Ana D’Áustria. Para que o príncipe tomasse o lugar do rei, o clero, a nobreza e povo precisariam aprovar e...

— Vejo que não entendeu. A troca já foi feita, esta noite, e sem derramamento de sangue — explicou o ex-mosqueteiro.

— O quê? Em minha própria casa?

— Sim. Quem está no quarto do rei é Filipe e Luís XIV encontra-se preso.

— Pelo amor de Deus, sr. d’Herblay! Não estou de acordo com isso!

— O senhor só pode estar louco. Não vê que Luís XIV o detesta e também a mim? Ele faria qualquer coisa para prejudicá-lo e, ainda assim, o senhor o protege! A troca entre os irmãos é a sua e a minha salvação!

— O senhor fez isso pensando em mim, mas não aceito. Sei que sou perdulário, gasto mais dinheiro do que tenho, mas sou honesto. Só tirei dinheiro do reino porque o senhor jurou que me pagaria pela festa. Pretendo devolver tudo aos cofres reais.

— Não há mais o que fazer! — gritou Aramis. — O rei está atrás das grades!

— Quero que fuja para Belle-Isle e fique lá até que eu resolva as coisas na Bastilha. Parta agora enquanto há tempo de escapar das tropas que o rei certamente enviará em seu **ENCALÇO** quando se encontrar em liberdade. Aperte minha mão, vamos, em sinal de que fará o que lhe peço.

Tremendo, Aramis tirou a mão do bolso. Estava cheia de sangue. Ele enfiara as unhas na palma de tanto nervoso durante a conversa com Fouquet. Seu plano, tão minucioso, havia se arruinado simplesmente porque ele não tinha ideia de que o superintendente fosse um homem que colocasse sua honra acima de qualquer coisa.

— Vou levar Porthos, meu amigo, o único que confiou em mim — disse Aramis, indo correndo acordar o Barão, que estava muito cansado da viagem na noite anterior.

— Porthos! Acorde, temos que partir! — disse Aramis.

— Para onde?

— Para uma missão secreta. Vamos, não temos tempo!

Os dois deram um abraço em D’Artagnan, a quem encontraram na saída, e foram. O Capitão dos Mosqueteiros disse a si próprio:

 **ESTUPEFATO:** pasmado, muito espantado

 **ENCALÇO:** pista



— Estranho, esses dois parecem estar fugindo...

Nos portões da Bastilha, Fouquet pediu para falar com o governador.

— Mas... senhor superintendente! Não deveria estar em Vaux, dando uma festa em homenagem ao rei? — perguntou o sr. Baisemeaux.

— Vou logo ao assunto. Quando foi a última vez que o senhor viu o Bispo de Vannes?

— Ontem à noite, ou melhor, de madrugada.

— E como teve coragem de ter sido cúmplice de um crime assim? Poderiam ser **ESQUARTEJADOS** por isso! Vamos, leve-me até o prisioneiro.

— Marchiali?

— Não sei quem é Marchiali, mas quero ver o homem que foi trazido pelo sr. d'Herblay ontem à noite.

— Marchiali é o nome pelo qual todos aqui o conhecem.

Logo ele percebeu que o governador não era cúmplice de Aramis. Tinha sido vítima tanto quanto ele.

— O senhor tem ordem do rei para ver o prisioneiro? — perguntou o sr. Baisemeaux.

— Que engraçado! Eu preciso de ordem, mas o sr. d'Herblay entra aqui a hora que bem deseja e vai às celas da Bastilha.

— Ele trouxe uma ordem para soltar Seldon e eu a cumpri.

— Pois fique sabendo que o sr. d'Herblay **CAIU!**

— Não pode ser!

— É a pura verdade! O senhor vai se arrepender se não me levar à cela do tal Marchiali.

Apavorado, o sr. Baisemeaux acabou concordando. Entregou pessoalmente a chave da cela ao superintendente e ficou aguardando. Não queria mais se envolver nessa história. Quando Fouquet entrou, encontrou o rei com as roupas rasgadas e o braço sangrando por ter quebrado as vidraças. Luís XVI avançou contra ele.

— Veio ver de perto o objeto de sua conspiração? Foi o senhor que me colocou aqui! — berrou o rei.

— Acalme-se, Majestade. Não vê que sou seu **VASSALO** mais fiel? — disse Fouquet, ajoelhando-se e beijando-lhe as mãos.

— Como pode ser tão **HIPÓCRITA?**

- 🔍 **ESQUARTEJADO:** partido em pedaços
- 🔍 **CAIU:** aqui, significa ficou sem poder, foi destituído
- 🔍 **VASSALO:** súdito, submisso, subordinado
- 🔍 **HIPÓCRITA:** falso, fingido



Em pouco tempo, o rei estava a par de todos os acontecimentos. Fouquet contou-lhe tudo, inclusive que o Príncipe Filipe não era o **MENTOR** do plano, mas sim o Bispo de Vannes, que levava o Barão du Vallon com ele como puro **FANTOCHE**. Luís XIV escreveu a ordem de soltura de Marchiali. Fouquet e o rei saíram da Bastilha, deixando Baisemeaux **ATURDIDO**, imaginando que o reino todo estava louco.

Capítulo 10

PRISÃO PERPÉTUA

Em Vaux, Filipe tentava imitar o irmão e, aos poucos, foi mandando entrar no quarto as pessoas que o ajudariam a se vestir para as comemorações do dia. Ninguém desconfiou de nada, nem mesmo o Duque de Orléans ou Ana D'Áustria, que falava sem parar sobre a festa. Ela, no entanto, levou um susto quando Filipe disse:

— Pare de falar mal de Fouquet, minha mãe. Assim está parecendo a sra. de Chevreuse.

A rainha-mãe ficou pálida.

— Não fale dessa maneira com nossa mãe — disse o Duque de Orléans.

— Que mal há em mencionar a sra. de Chevreuse?

Ana D'Áustria sentiu-se fraca e apoiou as mãos no ombro do Duque de Orléans. Nessa hora, D'Artagnan chegou.

— Bom dia, Majestade — disse o Capitão dos Mosqueteiros.

— Por favor, D'Artagnan, vá procurar o Bispo de Vannes. Preciso lhe falar.

— Novamente, Majestade? Ele estava aqui hoje cedo...

— Não discuta minhas ordens, D'Artagnan.

O experiente mosqueteiro logo percebeu que ele estava certo ao desconfiar de que Aramis e Porthos estavam mesmo fugindo quando se despediram dele. Havia algo de estranho no ar. Ia saindo do quarto, quando Fouquet adentrou o local trazendo Luís XIV junto com ele. Todos olharam para a porta. Ana D'Áustria soltou um grito. O Duque de Orléans pensou que estivesse louco. O próprio Luís XIV tomou um susto ao deparar com o irmão, **IDÊNTICO** a ele.

- 📖 **MENTOR:** mestre, pessoa que guia
- 📖 **FANTOCHE:** pessoa que não age por conta própria, mas sim orientada ou comandada por outra
- 📖 **ATURDIDO:** atordoado, confuso
- 📖 **PERPÉTUA:** que dura para sempre
- 📖 **IDÊNTICO:** igual



— Então, mamãe, não reconhece seu filho? — perguntou o rei.

— Não conhece seu filho, mamãe? — perguntou Filipe, em seguida.

Ana D'Áustria desmaiou de emoção e remorso. D'Artagnan olhou atônito para Luís XIV, que apontou para o irmão e disse:

— Prenda-o.

O Capitão dos Mosqueteiros, percebendo agora toda a trama em que Aramis e Porthos estavam metidos, acatou as ordens do rei. Aproximou-se de Filipe e disse:

— Perdoe-me, mas jurei lealdade a Luís XIV. Eu não sabia da sua existência.

— Sr. Fouquet, ajude-me — pediu Filipe.

— Perdoe-me também, mas o rei era meu hóspede. Não podia deixar que lhe fizessem mal em minha própria casa. Não podia deixá-lo acreditar que eu conspirava contra ele.

Diante de toda aquela cena, Luís XIV disse:

— Ordeno que este homem seja levado para a ilha de Santa Margarida. A partir de hoje ele deve usar uma máscara de ferro que cobrirá seu rosto. Se algum dia a tirar, irá morrer.

Fouquet e D'Artagnan entreolharam-se. Sentiam pena do pobre Príncipe Filipe, mas nada podiam fazer contra as ordens do rei da França.

Quanto a Porthos e Aramis, ambos cavalgavam a todo vapor para Belle-Isle. Aramis estava inconformado com o fracasso de seu plano. Quisera prender o rei opressor e libertar o príncipe oprimido, mas para isso cometera o crime de conspirar contra a Coroa. Além disso, julgara que Fouquet fosse um homem desonesto, e isso ele não era. Porthos, por sua vez, acreditava que após a prisão de um louco que julgava ser rei e a missão secreta em Belle-Isle, Luís XIV o nomearia duque. Ter feito essa promessa a seu grande amigo, algo que não aconteceria, era o que mais doía no peito de Aramis. Com os cavalos cansados, os dois pararam em Blois para pedir ajuda a Athos e a seu filho Raul.

— Que alegria vê-los! — disse Athos.

Aramis e Porthos abraçaram muito Raul. Adoravam o filho do amigo.

— O rei vai me dar o título de duque! — contou Porthos.

Aramis chamou Athos para uma conversa particular e contou tudo o que tinha se passado.

— Mas então... esse título de Porthos...

— Não lhe será conferido, e é isso que está me matando. Envolvi nosso amigo em meu plano. Ele está inocente na história toda.

— E o que pretende fazer?

— Peço que nos empreste dois cavalos. Vou levar Porthos comigo até Belle-Isle.



De lá ficará fácil chegar à Inglaterra e depois à Espanha. Tenho amigos nos dois países. Ficaremos a salvo longe da França.

— Por que não deixa Porthos ficar?

— Temo que algo lhe aconteça.


Ao se despedirem, Aramis pediu a Athos que não o julgasse mal. Todos se abraçaram com força, tendo a sensação de que aquela era a última vez que se viam. Logo após a partida, perto das dez da noite, alguns cavalos se aproximaram da casa e uma voz gritou do portão anunciando a chegada do Duque de Beaufort.

O duque era amigo de Athos. Apesar do horário impróprio, estava lá para convidar Raul, o distinto Visconde de Bragelonne, para uma viagem à África.

— O rei quer que eu conquiste os árabes — disse o duque. — Preciso de alguém que me ajude a **RECRUTAR** um exército e vim saber se Raul estaria interessado em realizar esse trabalho.

Depois de pensar um pouco, o rapaz aceitou a oferta. Athos resolveu que ajudaria o filho no recrutamento de homens interessados em ir para a África. Quando, dias mais tarde, Athos e Raul foram à ilha de Santa Margarida em busca de soldados fortes e valiosos para compor o exército do Duque de Beaufort, ouviram um grito do alto da torre da fortaleza. Uma mão atirou um tipo de disco metálico escrito algo a ponta de faca. Quando Athos leu “Sou irmão do Rei da França. Estou preso aqui, quase enlouquecido de desespero”, ele logo percebeu quem era o pobre homem encarcerado. Lembrou-se de Aramis e de tudo o que ocorrera. Na presença do governador da fortaleza, fingiu ser espanhol, como perdeu seu amigo D’Artagnan. Nem mesmo ao Capitão dos Mosqueteiros ele contou que sabia a verdade. Não havia nada que ele pudesse fazer. O prisioneiro estava **FADADO** a envelhecer e a morrer na Ilha de Santa Margarida, vestindo a máscara de ferro que o ocultava do mundo e que o transformara no Maldito, como ele mesmo passou a se chamar.

 **RECRUTAR:** selecionar, convocar

 **FADADO:** predestinado



ROTEIRO DE LEITURA

- 1) Quem era o rei da França na época em que se passa a história? De quem ele era filho?
- 2) De que maneira o irmão mais novo do rei, o Duque de Orléans, ajudou a França a manter boas relações com a Inglaterra?
- 3) Qual era o segredo que Aramis revelou ao padre franciscano que estava morrendo e que lhe valeu o título de Geral da Ordem dos Jesuítas? Por que você acha que ele guardou esse segredo durante tantos anos?
- 4) Por que o pai de Filipe e de Luís XIV, em conjunto com a mãe, Ana D'Áustria, resolveram esconder Filipe do reino? Você acha que o motivo era justo? Justifique sua resposta.
- 5) Através de quem Aramis ficou sabendo desse segredo?
- 6) Qual era o plano de Aramis? Se ele tivesse sucesso com ele, o que ganharia em troca?
- 7) Descreva alguns detalhes do plano de Aramis, incluindo a combinação com Fouquet na festa para o rei em Vaux e a visita ao alfaiate.
- 8) Você acha que seria justo trocar o Príncipe Filipe com o Rei Luís XIV? Justifique sua resposta.
- 9) Você acha que Aramis tinha motivos justos para querer a troca ou só queria fazer isso por ambição? Justifique sua resposta.
- 10) Você acha que D'Artagnan e Fouquet poderiam ter feito alguma coisa para ajudar o Príncipe Filipe? Dê algumas ideias.
- 11) Junto com um grupo de colegas, rescreva o final do livro. Defina o que vai acontecer com o Príncipe Filipe, o Rei Luís XIV, Ana D'Áustria, D'Artagnan e os Três Mosqueteiros.
- 12) Se você fosse o Príncipe Filipe, no momento em que Aramis disse que ele podia escolher entre viver num pântano em liberdade ou ser o rei da França, o que teria escolhido? Por quê?
- 13) Por que você acha que Filipe quase não se lembrava de nada de sua infância?
- 14) De qual personagem você mais gostou? Por quê?
- 15) De qual personagem você menos gostou? Por quê?
- 16) Faça uma lista das semelhanças e diferenças que existem entre o livro e o filme de Hollywood O Homem da Máscara de Ferro, com Leonardo di Caprio.
- 17) Em grupos, escolha uma passagem do livro e faça uma peça de teatro. Procure em livros ou na Internet que tipo de roupa os nobres usavam na época e procure montar algum figurino com retalhos, roupas usadas e papel crepom.
- 18) Você acha que Athos era mesmo amigo de D'Artagnan, de Porthos e de Athos? Justifique sua resposta.
- 19) Por que o Homem da Máscara de Ferro se chamava de Maldito? Que outro nome você daria a ele?
- 20) O que acontece com a linha narrativa da história? Onde ela começa e onde termina? Você gostou dessa estrutura do livro? Justifique sua resposta.



O HOMEM DA MÁSCARA DE FERRO

Alexandre Dumas

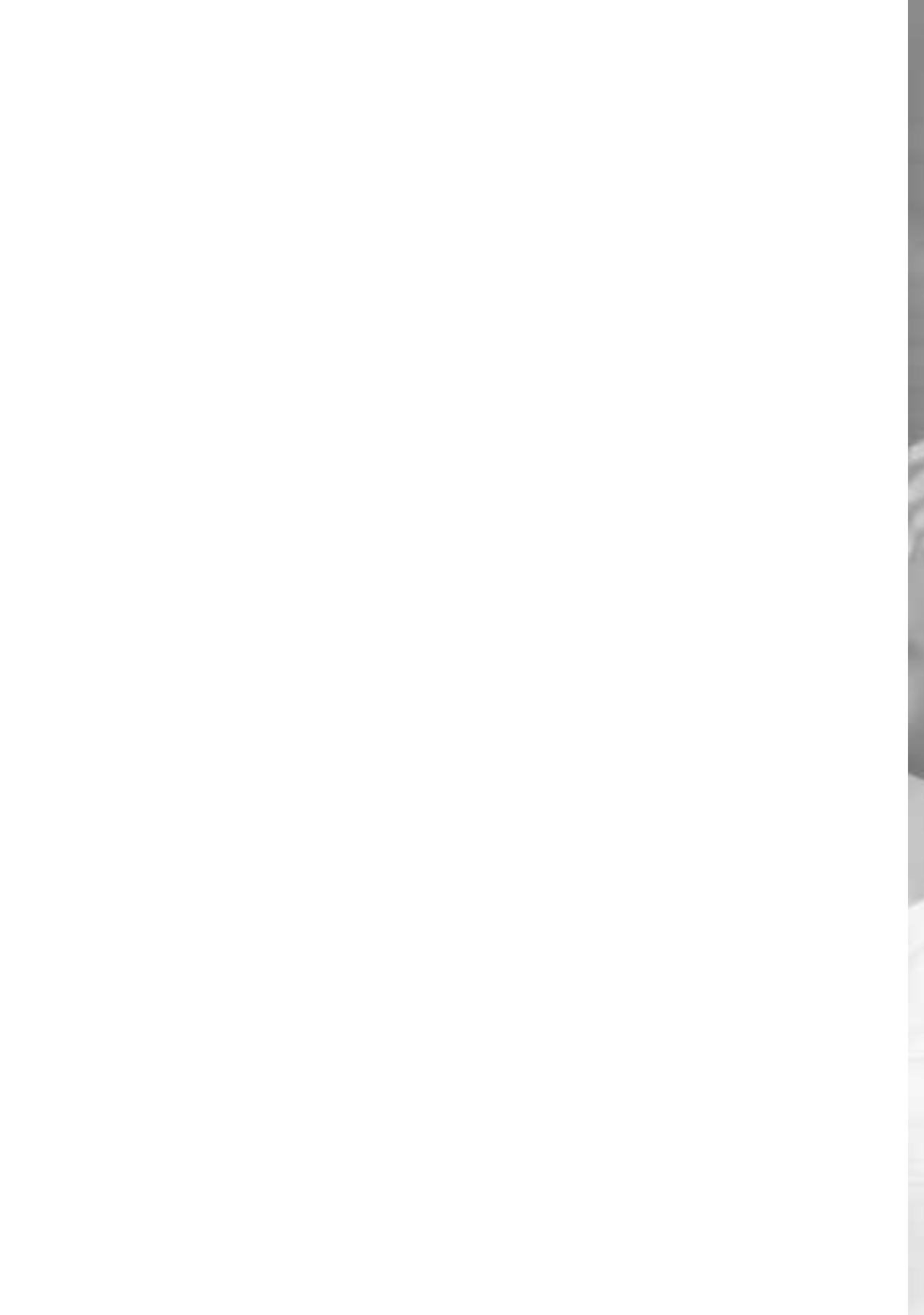
BIOGRAFIA DO AUTOR

Alexandre Davy de la Pailleterie, conhecido como Alexandre Dumas por ser filho do general Thomas A. Dumas, nasceu em Villers-Cotterêts, na França, no dia 24 de julho de 1802, e morreu em Puys, uma pequena cidade francesa, no dia 5 de dezembro de 1870. Quando tinha vinte anos, resolveu se mudar para Paris e conseguiu um emprego num escritório. Naquela época, começou a escrever poemas e romances e logo publicou seu primeiro livro, *La Chasse et l'Amour*, em parceria com um amigo.

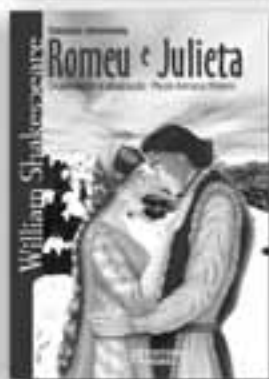
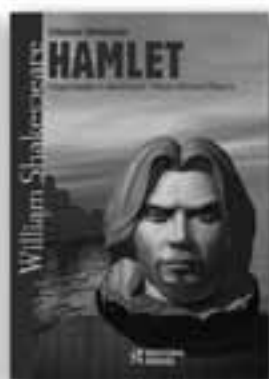
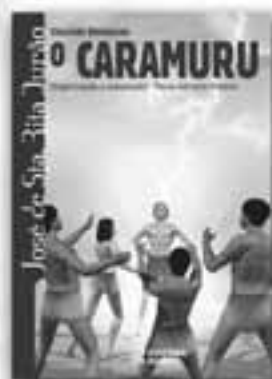
Aventuras acompanhadas de humor são a chave para agradar ao público de Dumas, que pode encontrar diversão, entretenimento e conhecimentos de história nas obras do autor. Seus livros mais famosos são: *Os Três Mosqueteiros*, *Os irmãos corsos*, *O Conde de Monte Cristo* (obras integrantes da *Coleção Aventuras Grandiosas*), *Vinte anos depois*, *O Visconde de Bragelonne*, *A tulipa negra*, *O Cavaleiro da Casa Vermelha*, *A Rainha Margot*, *O colar da rainha*, *A Condessa de Charny*, *Memória de um médico* e este, *O Homem da Máscara de Ferro*, que inclui os heróis Athos, Porthos, Aramis e D'Artagnan presentes em *Os Três Mosqueteiros*.

Dumas foi considerado um dos escritores mais lidos em todo o mundo, além de ter conseguido muito dinheiro com as vendas de seus livros. No entanto, não soube administrar sua riqueza e morreu pobre.





Coleção Clássicos Universais




Dez motivos para ampliar sua cultura

COLEÇÃO

AVENTURAS GRANDIOSAS

Série 3



 EDITORA
RIDEEL